

**Mulheres fazendeiras e lavradoras numa economia cafeeira do Vale do Médio Paraíba:
uma introdução ao estudo de caso de Resende no século XIX.**

Por Julio César Fidelis Soares¹

Resumo

O presente trabalho apresenta observações e questionamentos relacionados aos estudos de gênero. Não se pretende aqui abrir um debate amplo, mas provocar algumas reflexões simples a respeito daquilo que observamos ao realizar nossa pesquisa de mestrado em História Social, com um olhar voltado para a história regional e para a micro-história. Naquela ocasião nos deparamos com a presença de mulheres fazendeiras e lavradoras como parte de uma estrutura que até então era vista pela historiografia clássica a respeito da posse e direção de unidades produtoras de café no século XIX como coisa exclusivamente de homens. Partindo de uma perspectiva analítica mais recente, que até então o modelo historiográfico clássico não havia explorado o suficientemente, tentamos aqui apresentar as mulheres como seres atuantes nas atividades produtivas do século XIX, principalmente nas plantações de café da região do Médio Vale do Paraíba Fluminense.

Palavras Chave : Mulheres Fazendeira e Lavradoras – Cafeicultura – Vale do Médio Paraíba.

1- Introdução

Este artigo é fruto de algumas observações e questionamentos relacionados aos estudos de gênero. Não se pretende aqui abrir um debate amplo, mas provocar algumas reflexões simples a respeito daquilo que observamos ao realizar nossa pesquisa de mestrado em História Social relacionada diretamente à história econômica, com um olhar voltado para a história regional e para a micro-história. Naquela ocasião nos deparamos com a presença de mulheres fazendeiras e lavradoras como parte de uma estrutura que até então era vista pela historiografia clássica a respeito da posse e direção de unidades produtoras de café no século XIX como coisa exclusivamente de homens. Partindo de uma perspectiva analítica mais recente, que até então o modelo historiográfico clássico não havia explorado o suficientemente, tentamos aqui apresentar as mulheres como seres atuantes nas atividades produtivas do século XIX, principalmente nas plantações de café da região do Médio Vale do Paraíba Fluminense.

¹ *Mestre em História Social – USS / Professor de História Econômica , Formação Econômica do Brasil, Desenvolvimento Econômico e Economia da Educação das Faculdades Dom Bosco – Resende –RJ.*

Destacaremos neste trabalho a Vila de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova, hoje Resende, no estado do Rio de Janeiro.

Escrever a história das mulheres de forma meramente memorialista não é nosso objetivo, mas, entre outros, o de incentivar outros pesquisadores a darem mais um passo, sem dúvida bastante importante, para a construção de uma história da relação entre os sexos. São algumas centenas de anos em que perdura uma suposta superioridade masculina, numa história que parece cena de teatro japonês, no qual, mesmo havendo papéis femininos, estes são interpretados por homens. As sociedades precisam conhecer o papel das mulheres na sociedade. Diferentemente da visão de eternas oprimidas, revolucionárias por revolucionárias e outros clichês que estamos acostumados a observar, talvez seja um caminho para o equilíbrio encará-las definitivamente como agentes da história como um todo e não um mero capítulo na construção da história dessa relação.

O artigo está organizado como se segue: uma apresentação da região de Resende dentro de seu contexto histórico, trazendo à luz sua importância para a economia cafeeira do século XIX e seu pioneirismo; num segundo momento, a apresentação dos dados referentes à participação das mulheres fazendeiras e lavradoras na região do Vale do Paraíba e, especificamente, na região produtora de Resende.

2- Resende núcleo de dispersão da cultura cafeeira

Ao longo do XVIII os cafeeiros vão sendo levados para o sul, de capitania em capitania. Os primeiros cafezais, cultivados no Ceará, datam de 1747. Em 1760 chegam ao Rio de Janeiro e vinte anos depois se encontram na parte meridional de Minas Gerais.

Em todas essas regiões a produção é feita em jardins, principalmente em conventos. Em torno de 1796 o Rio de Janeiro exportava mais de cem toneladas anuais, sendo que a produção concentrava-se nas encostas da Serra da Tijuca, cuja mata natural ia sendo pouco a pouco substituída por cafezais². No correr do século XVIII é que o café adquire importância nos mercados internacionais, tornando-se, então, o principal alimento de luxo nos países do Ocidente. E é isto que estimulará largamente sua cultura nas colônias tropicais da América e

² Magalhães Filho, Francisco de B. B. de. História econômica. São Paulo: Saraiva, 1982, p. 320.

Ásia. O Brasil entrará muito mais tarde para lista dos grandes produtores; em princípios do século XIX ainda ocupou posição muito modesta³.

Foi Resende um dos pontos de mais antiga produção cafeeira no Brasil. Em seu território por volta de 1744 não havia produtores de café, mas as primeiras notícias que se tem sobre o plantio se dá entre os anos 1775 e 1785. Os primeiros exploradores e colonizadores desta região vieram procedentes de Aiuruoca, foram eles: o Coronel Simão da Cunha Gago, paulista, o padre Filipe Teixeira Pinto, Máximo Barbosa, entre outros⁴.

Assim, ao lado do açúcar, o café tornou-se a espinha dorsal da economia brasileira e influenciou as relações de poder e de prestígio, mesmo quando, a partir do século XIX, o mercantilismo é superado no mundo⁵.

Nossa pesquisa procurou ampliar a discussão com a historiografia clássica, que estabelece como padrão absoluto a grande propriedade, e as novas pesquisas históricas, que apresentam as pequenas e médias propriedades como marco introdutor da fase econômica de maior importância para nossa micro-região. Na medida em que nossa pesquisa apontou a presença da pequena propriedade agrícola como de importância vital nos primeiros anos de implantação dos cafezais, até então negligenciadas ao olhar dos pesquisadores clássicos, que tinham com alvo somente a grande propriedade. Tornou-se relevante conhecermos outras características da implantação pioneira da monocultura cafeeira fluminense, sobretudo num olhar mais específico sobre a Vila de Resende no período de 1801 a 1850, período cuja influência embrionária do plantio do café não tinha sido tocada até o momento pela historiografia tradicional.

Essa região do Vale do Médio Paraíba é notada a partir da presença Garcia Rodrigues Paes Leme, um dos primeiros bandeirantes a se fixar região, por volta de 1715, quando obteve de D. João V a doação da terra.

Em 1744 Simão da Cunha Gago, bandeirante paulista, conseguiu do governador Luís de Mascarenhas licença para formar uma expedição, que abriu caminhos pela mata virgem, chegando a uma planície rodeada de montes, local que batizou de Campo Alegre da Paraíba

³ Júnior, Caio Prado. História econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 159.

⁴ Whately, Maria Celina. O café em Resende no século XIX. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 7.

⁵ Brum, Argemiro J. O desenvolvimento econômico brasileiro. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 57.

Nova. A escolha do local deveu-se a fortes motivos de ordem econômicas e geográficas, que influenciariam o desenvolvimento da região. Zona de amplo horizonte, num local bem servido de água pelos afluentes do Paraíba, colocada estrategicamente a meio caminho das rotas do Rio, São Paulo e Minas Gerais no período de extração aurífera.

O povoado que aos poucos se formou ficou conhecido como Campo Alegre da Paraíba Nova, transformando-se três anos depois em Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova. Em 29 de setembro de 1801 passou a ser Vila, alterando seu nome para Resende em homenagem ao Conde de Resende. O título de cidade ocorreu em 1848, já devido a sua grande importância econômica dentro do Vale do Médio Paraíba, equidistante dos principais centros econômicos do país, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

As primeiras mudas de café foram trazidas para Resende pelo padre Antonio Couto da Fonseca⁶ da fazenda do holandês Hoppman, no Rio de Janeiro. Foram plantadas, como experiência, na região de São Vicente Ferrer (atual vila da Fumaça), depois de confinar os índios puris na aldeia de São Luiz Beltrão, próximo ao mesmo lugar em que começaram a plantar os cafezais⁷. Ainda em relação ao plantio é João Maia que nos traz o seguinte esclarecimento:

[...] feita à sementeira em 1775, antes de 1785 já deviam existir alguns cafezais em efetiva produção. Corrobora-se isto uma informação que nos ministrou um antigo morador do Bananal, província de São Paulo, homem de mais de cem anos de idade, mas dotado ainda de boa reminiscência – Joaquim Pinto –, o qual afirmara que a primeira plantação de café naquele município fora feita em 1782, na fazenda de um tal Bahya⁸, morador de Resende, que remeteu daqui sementes.⁹

⁶ A Fazenda do Mendanha, pertencente ao Padre Couto, foi a principal propriedade cafeeira em terras cariocas, não tanto pela qualidade de seu café, muito louvadas na época, mas porque dela saíram quase todas as matrizes dos grandes cafezais fluminenses. No dizer de Basílio Magalhães esses cafezais, e mais os de São Gonçalo, que se alastraram e galgaram a Serra do Mendanha, invadindo as terras fluminenses e espalhando-se nelas, foram a razão de seu povoamento e a base de sua riqueza e prestígio. Resende já conhecia o café, existindo documentos de 1802 que indicam a realização de negócios que incluem cafezais. A planta teria sido introduzida na década anterior, trazida pelo padre Antonio Couto da Fonseca - na Fazenda Monte Alegre - e expandida para a região onde hoje existe a Vila de Fumaça, fazendo de Resende o verdadeiro pólo de irradiação da cafeicultura brasileira, que mudou a paisagem no Vale do Paraíba nas décadas seguintes e revolucionou a economia do país.

⁷ Burlamaque, L. C Monografia do cafeeiro: estatística do café. Rio de Janeiro, 1860, p. 57.

⁸ Trata-se de Antonio Bernardo Bahya, antigo morador de Resende, um dos primeiros concessionários de terras na aldeia de São Luis Beltrão, ao qual se reporta o documento firmado por Joaquim Xavier Curado em nome do Vice-Rei. Apud Maia, 1820, p. 35, nota.

⁹ Maia, João de Azevedo Carneiro. do Descobrimento do Campo Alegre À Criação da Vila de Resende. [S.Ed], 1886.p.35

Assim, chegamos a Resende como foco originário do plantio econômico do café no vale do Paraíba e nos planaltos do sul, através de pequenas e médias propriedades. Segundo Oliveira Vianna:

[...] a diretriz de Resende, donde se originam as grandes culturas do vale do Paraíba, Mata Mineira e dos chapadões paulistas. É, pois, em território fluminense que a cultura do cafeeiro faz as suas pioneiras experiências, dá a seus pioneiros passos de vitalidade e lucratividade, organiza-se, e prepara-se para conquista dos grandes plateaux do interior. O êxito inicial das primeiras tentativas no nosso território, principalmente no foco de Resende, exerceu certamente sobre o destino da grande cultura uma influência decisiva: tivesse sido negativa a experiência – e talvez fosse outro o destino do café nas nossas regiões meridionais¹⁰.

A atividade cafeeira, embora preliminarmente tivesse seu plantio nos morros e colinas do Rio de Janeiro e da Baixada, de maneira despreziosa e sem fins econômicos, ou seja, de forma embrionária, estabeleceu-se na região do vale do Paraíba, mais precisamente em Resende.

3- Mulheres dirigindo unidades produtivas

E é assim e neste cenário que localizamos em meio às unidades produtoras de café mulheres dirigentes destas unidades produtivas. Mulheres como Maria Benedita Gonçalves Martins, nascida em Resende em 1809, filha do tropeiro e depois cafeeiro Manoel Gonçalves Martins com a índia Puri Ana Maria de Jesus. Ela foi sem dúvida uma das mulheres empenhadas da região do Vale do Paraíba, pois chegou a ser conhecida pela alcunha de “a Rainha do Café”, dona e dirigente de várias fazendas entre elas a da Serra, da Cachoeira, do Tanque e Fazenda Velha. Entre tantos fatos de relevância de sua vida compromissada com a sociedade local um deles é digno de nota:

Em 1828, foi criada em Resende a primeira Escola de Instrução Primária, para o sexo masculino e só anos após, em setembro de 1844, a do sexo feminino. Para manter e melhorar essas escolas públicas, a fazendeira também trabalhou, bem a seu estilo. Organizava campanhas, festas, quermesses, bingos, destinando o dinheiro arrecadado à causa do ensino. Doou material, principalmente madeira, emprestou escravos para reformas e construção de salas de aulas. Buscou

¹⁰ Oliveira, Vianna. Distribuição Geográfica do cafeeiro no estado do Rio, in “o café no 2ºcentenário de sua introdução no Brasil – Ed.do Departamento Nacional do Café- RJ,1934 vol.I p.80.

apoio, cobrou soluções das autoridades locais e da província . Hospedou, alimentou e até pagou os salários de professores¹¹.

Nestas escolas estudaram jovens resendenses das classes menos favorecidas que como pedido de sua patronesse retornaram a Resende para cumprir suas funções em prol da sociedade.

E ainda dentro do tema é que figura a presença de mulheres proprietárias de terras num dos registros de compra e venda de terras com cafezais mais antigos conforme livro de Notas do Cartório do Tabelião Miguel Pedroso Barreto, primeiro tabelião nomeado em Resende, encontramos a escritura Pública de Venda – de terras de que faz :

“Dona Florência Nogueira Leme ao Guarda Mor Simplicio Corrêa da Costa, aos vinte e dois dias do mês de Setembro de 1804 – viúva de Roque Bicudo Leme¹², de terras com plantações de Café...por 176\$000(cento e setenta e seis mil reis).”

Duas questões se apresentam neste registro a época em que figuram registrados os cafezais e o fato de uma mulher estar negociando terras numa época em que normalmente tal encargo era passado a algum membro homem da família, pois tais assuntos de negócios como se dizia “*era coisa de homem*”. Procuramos então dar início a criação de uma nominata iniciando em 1846 e com a pretensão de registrarmos nomes das fazendeiras e lavradoras até ano 1885. Até presente estágio de nossos estudos conseguimos listar 185 entre os períodos de 1846-1858, havendo repetições, mas que nos ajudam a verificar o período de gestão. Outro ponto que achamos curioso é tais mulheres hora serão citadas pelo seu nome sem qualquer qualificação, em outros momentos serão citadas como dona fulana de tal e em um terceiro momento vão ser identificadas como viúva de fulano de tal revelando assim uma outra visão da sociedade agrária brasileira do século XIX no que diz respeito as mulheres detentoras de bens seja ele por laços de matrimônio ou não.

4-A questão da terra, o mundo dos pequenos, médios e grandes proprietários.

Como apontamos na nossa introdução, a historiografia, ao discutir os produtores de café e suas propriedades, nos apresenta um modelo geral fundamentado na estrutura de produção sobre regime de trabalho escravo e grandes propriedades, sob a liderança e hegemonia dos barões do café.

¹¹ Rosa ,Claudionor in Mulheres Fluminenses do Vale do Paraíba, Histórias de luta e conquista da cidadania feminina. CEDIM –Gov.Est.do Rio de Janeiro, Março -2001 – p.31

¹² Roque Bicudo Leme um dos primeiros povoadores do curato de N.S.da Conceição do Campo Alegre, conforme declarações de 1762 dos termos de viagem da caravana de Simão da Cunha Gago(1744/1745) –in Bopp, Itamar , Notas Genealógicas –São Paulo:I,1987.p-42

Para chegarmos a um modelo que possa tipificar o produtor da região estudada (Resende), devemos recorrer de início, ao fato de que, segundo Celina Whately, em Resende fazia-se distinção entre fazendeiros e lavradores. Para ser considerado fazendeiro, era necessário que a pessoa fosse possuidora de entre 40 e 50 escravos e de pelo menos 30 alqueires geométricos de terra. Aqueles que por ventura possuíam menor parâmetro que estes eram considerados lavradores¹³. Ainda dentro da região do vale Célia Muniz nos relata que entre os dois extremos da sociedade cafeeira houve grande número de pequenos e médios fazendeiros que não fizeram parte da elite cafeeira, mas contribuíram com boa parte do café produzido no século XIX¹⁴. Stanley Stein¹⁵ está entre aqueles que estudaram com profundidade a questão de produção cafeeira na região e que reconhece uma possível tipificação para seus produtores, mas não nos mostra sua importância:

Os fazendeiros eram apenas parte do grupo geral de agricultores ou lavradores, o mais amplo e importante grupo de ocupação de Vassouras. O termo lavrador incluía agricultores de grande e pequena lavoura, donos de propriedades e fazendeiros sem terra. Em primeiro lugar os fazendeiros (possuidores de fazendas acima de 30 alqueires), em seguida os sítiantes (possuidores de propriedades: sítios ou situações até 30 alqueires). Os lavradores também incluía os agregados, homens livres que os fazendeiros permitiam residir na fazenda e lavar a terra sem direito à propriedade. Colonos ou trabalhadores contratados complementavam o grupo conhecido como lavradores. Dependendo do tamanho das propriedades e do número de escravos, os lavradores incluía tanto os muito ricos quanto aqueles beirando a pobreza¹⁶.

A tipificação de Stein é ligeiramente diferente da de Célia Muniz, entretanto nos traz a idéia de confrontarmos a forma como se desenrolou a distribuição de terras na região do Vale do Paraíba uma vez que em estudos de outras regiões do Vale verificamos padrões diferentes de propriedades que não contemplam o modelo historiográfico tradicional de grandes propriedades monocultoras de café.

Como afirmamos acima, não há destaque para a importância dessa graduação da riqueza, nem a importância da estratificação ser baseada no tamanho da propriedade, seja ela a terra ou o escravo.

¹³ Whately, Maria Celina. O café em Resende no século XIX. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 37.

¹⁴ Muniz, Célia Maria Loureiro. A riqueza fugaz: trajetórias e estratégias de famílias de proprietários de terra de Vassouras, 1820-1890. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2005, p. 65.

¹⁵ Stein, Stanley J. Vassouras: Um município brasileiro do café – 1850-1900. Rio de Janeiro : Nova Fronteira ,1990.p.153

¹⁶ Ibidem.

Já em *Os Donos da Terra*¹⁷, Célia Muniz, ao tratar de Valença, mostra a presença de muitas pequenas propriedades convivendo com as grandes. Nesse mesmo estudo ela considerou pequenos e médios proprietários ou sítiantes aqueles que possuíam de 0 a 50 alqueires, não levando em conta o plantel de escravos. Assim, entendemos que no Vale do Paraíba a estrutura econômica produtiva da agricultura cafeeira poderia apresentar variações microrregionais. Em um estudo com trinta inventários da região do Vale de Paraíba Paulista, mais precisamente da cidade de São José dos Campos, Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali constatou a seguinte situação, que será bem próxima à de Resende:

A documentação consultada indica que a cidade de São José dos Campos vinha se constituindo, e formando seus cafezais, pela presença bastante numerosa de pequenos e médios lavradores. Sítiantes e meeiros povoavam aquelas paragens em grande quantidade. [...] Provavelmente seja essa uma peculiaridade das lavouras de café de São José dos Campos de finais do século XIX. Mesmo as maiores fazendas não deveriam ter as dimensões que as grandes fazendas dos barões do café tiveram nos áureos tempos da cafeicultura, no Vale do Paraíba Paulista. [...] A grande maioria dos lavradores possuía, em média, de 10 a 15 trabalhadores escravos em suas fazendas¹⁸.

De volta às referências aos estudos da terra no vale do Paraíba Fluminense, Célia Muniz nos dá a seguinte referência quanto ao tamanho das propriedades:

Muitos livros sobre economia cafeeira falam em “grandes propriedades” ou “enormes latifúndios”. No entanto essas fazendas de café não eram tão grandes, elas possuíam em média de 100 a 200 alqueires, sendo que muitas possuíam menos de 100 alqueires¹⁹.

Para a região de Bananal, dentro do vale do Paraíba Paulista, com grande relacionamento comercial com Resende, Flavio Motta²⁰ analisou a situação no início de 1801, e, segundo ele, a plantação não dependente de escravos. Posteriormente, os possuidores de cativos passaram a cultivar o café quando este já se difundira na localidade, a partir de 1829, oriundo de terras resendenses. Segundo ele, o número médio de escravos por cafeicultor chegou a 13,8, sendo de 11,7 o número médio de escravos por escravista, em uma visão geral das outras regiões. Podemos inferir assim, que, pelos diversos estudos referenciais ao desenvolvimento cafeeiro do Vale do Paraíba até a quarta década do XIX. Parece este ter ocorrido em moldes distintos do apregoado pela historiografia clássica, se levarmos em

¹⁷ Muniz, Célia Maria Loureiro. *Os donos da terra: um estudo sobre a estrutura fundiária do Vale do Paraíba Fluminense no século XIX*. Niterói: UFF/ICHF, 1979, p. 160. (Dissertação de Mestrado)

¹⁸ Papali, Maria Aparecida Chaves Ribeiro. *Vestígios de um cotidiano: trabalhadores escravos, negociantes e coronéis em São Jose dos Campos (1870-1888)*. São Paulo: PUC-SP, 1996, p. 128-129. (Dissertação de Mestrado em Historia)

¹⁹ Muniz. *Os donos da terra*, cit., p. 135.

²⁰ Motta, José Flávio, *Corpos escravos, vontades livres: estruturas de posse de cativos e família escrava em um núcleo cafeeiro (Bananal 1801-1829)*. São Paulo: FEA/USP, 1990, p. 122, 137 e 178. (Tese de Doutorado em Economia)

conta a média de cativos por escravista, que oscilou ao redor de dez no caso dos cafeicultores. Toda a atividade econômica cafeeira, pelo menos nesse período, não se enquadra no modelo de organização econômica e social, do *plantation* exportador apregoado na obra de Caio Prado Júnior.

O que constatamos, através de registro datado de 9 de agosto de 1873 na Ata da Câmara Municipal de Resende, que nos diz:

[...] no Município de Resende há mui poucos grandes lavradores, é talvez o município da província do Rio de Janeiro onde a propriedade territorial se acha mais bem dividida e, por consequência, onde se encontra maior número de pequenos lavradores²¹.

Esse é um perfil de sociedade escravista bem diferente do que mostrara a historiografia tradicional em estudos sobre outras regiões, já que em Resende havia uma distribuição inusitada da população de homens livres e escravos. Como podemos observar nos quadros abaixo, Resende se apresenta com um plantel de perfil diferenciado.

Finalizando nossa ambientação, chamamos a atenção para distribuição do Município de Resende em relação a outros dois grandes municípios produtores de café do Vale fluminense, conforme as tabelas para ano 1850 que se seguem.

Recenseamento da População da Província do Rio de Janeiro - 1850

Valença	Livres	%	Escravos	%	População total	%
<i>Freguesias</i>						
Stº Antonio do Rio Bonito	1336	28,85	3295	71,15	4631	100
N.Srª. da Glória	5342	30,32	12279	69,68	17621	100
Stª. Izabel do Rio Preto	974	40,55	1428	59,45	2402	100
N.Srª. da Piedade das Ipiabas	711	18,57	3117	81,43	3828	100
Total	8363	29,36	20119	70,64	28482	100

Resende	Livres	%	Escravos	%	População total	%
<i>Freguesias</i>						
N.Srª. da Conceição	5919	54,61	4919	45,39	10838	100
Sant'Ana dos Tocos	1329	50,02	1328	49,98	2657	100
Campo Bello	1664	48,73	1751	51,27	3415	100

²¹ Atas da Câmara, correspondência dos presidentes, vice-presidentes e secretários. 1873. Arquivo Histórico de Resende.

São Vicente Ferrer	1968	63,69	1122	36,31	3090	100
Total	10880	54,40	9120	45,60	20000	100

Vassouras	Livres	%	Escravos	%	População total	%
<i>Freguesias</i>						
N.Sr ^a .da Conceição	3291	32,63	6795	67,37	10086	100
N.Sr ^a .da Conceição de Paty do Alferes	3040	26,46	8449	73,54	11489	100
Sacra Família do Tinguá	3097	43,85	3966	56,15	7063	100
Total	9428	32,92	19210	67,08	28638	100

Fonte: Arquivo estatístico da Província do Rio de Janeiro, 15 de abril de 1851.

Observemos, então, que uso da mão-de-obra escrava em Resende, se compararmos com Vassouras e Valença, tem um perfil bem diferente. Vassouras tem um plantel duas vezes maior que o de Resende; já o de Valença, se colocarmos em termos percentuais, chega à casa de 110% maior que o de Resende. O que nos leva a intuir que em Resende os proprietários, suas famílias e os escravos eram a força que movia a produção nessas pequenas e médias propriedades, uma vez era muito oneroso o custo da compra de escravos para um lavrador de pequeno e médio porte.

3- Mulheres fazendeiras e lavradoras

Nesse ambiente de tantas características diferentes daquelas padronizadas pela historiografia tradicional vimos outra característica singular na presença mulheres fazendeiras e lavradoras na economia cafeeira do vale do Médio Paraíba no século XIX. As primeiras observações foram realizadas quando do levantamento do número de fazendeiros e lavradores produtores e exportadores de café da região do vale do Médio Paraíba nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo no ano de 1868, quando obtivemos que 7,39% do conjunto de produtores eram mulheres. Já para uma visão do ano de 1868 com foco na região do vale do Médio Paraíba Fluminense obtivemos o percentual de 5,36% do conjunto de produtores do sexo feminino. Na região do Vale do Médio Paraíba Paulista vimos que o percentual de mulheres cafeeicultoras era de 8,55% do conjunto de produtores de café. A propósito destas observações, isto nos levou às

seguintes questões: qual seria a distribuição percentual destas mulheres cafeicultoras para região de Resende? Haveria uma variação percentual da participação destas mulheres ao longo dos anos? Poderíamos criar uma visão distributiva da participação destas mulheres dentro das freguesias que compunham a Resende do século XIX ? E, por fim, para abriremos uma frente de estudo mais específica, de modo a chamarmos a atenção aos interessados nas questões de gênero. Poderíamos criar uma lista nominativa analítica destas mulheres pioneiras ou debruçarmos no estudo de algum grupo de interesse dentro deste viés mulheres fazendeiras e lavradoras da cafeicultura do século XIX. Apresentamos neste momento uma pequena amostra da nominata, que hora estamos para finalizar levando em conta o período de 1846 a 1885.

Nominata fazendeiras e lavradoras Resende século XIX -1846-1848

Freguesia	1846
Freguesia da Villa	D.Anna Joaquina Ferreira de Souza
Freguesia da Villa	D.Bernarda Maria de Jezus
Freguesia Campo Bello	D.Maria Juliana Carolina d´Atayde
Freguesia Campo Bello	Viúva Miguel Pereira da Silva
Freguesia Campo Bello	Viúva Cunha Bastos
Freguesia de Sant´Anna	Viúva João Pereira Leite
Freguesia	1848
Freguesia da Villa	D.Anna Antunes de Andrade
Freguesia da Villa	D.Bernarda Maria de Jezus
Freguesia da Villa	D.Escolástica Maria de Jesus
Freguesia da Villa	D.Anna Joaquina Ferreira de Souza
Freguesia da Villa	Viúva de Candido Jose Correa
Freguesia da Villa	Viúva de Francisco de Paula Queiroz
Freguesia da Villa	Viúva de José Francisco de Oliveira Porto
Freguesia da Villa	Viúva de Policeno da Costa Pereira
Freguesia da Villa	Viúva de Sabino Antonio Delgado
Freguesia de S.Vicente Ferrer	Viúva de Simão da Rocha Corrêa
Freguesia de S.Vicente Ferrer	Viúva de Antonio Teixeira de Carvalho Guimarães
Freguesia Campo Bello	Leodora Luciana do Nascimento
Freguesia Campo Bello	D.Maria Juliana Carolina d´Atayde
Freguesia Campo Bello	Viúva Cunha Bastos
Freguesia Campo Bello	Viúva Jose Manoel de Macedo
Freguesia Campo Bello	Viúva Miguel Pereira da Silva
Freguesia de Sant´Anna	Francisca Alves Marinha
Freguesia de Sant´Anna	Viúva João Pereira Leite
Freguesia de Sant´Anna	Viúva de José Coutinho de Azevedo
Freguesia de Sant´Anna	Viúva de Bento José da Silva Cruz

Fonte: Almanack Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro Laemmert 1846-1848.

Distribuição Mulheres Fazendeiras e Lavradoras – Região do Médio Paraíba – RJ/SP 1868

Região	Nº Produtores Total	Masculino	%	Feminino	%
Vale do Médio Paraíba RJ	183	173	94,54	10	5,46
Vale do Médio Paraíba SP	304	278	91,45	26	8,55
Geral	487	451	92,61	36	7,39

Fonte: Mapa de arrolamento das Fazendas de café situadas nas imediações das Províncias de São Paulo e Rio de Janeiro - Coletoria de Rendas Provinciais do Município de Angra dos Reis – 1868²².

3.1 - Apresentação de dados apurados e uma primeira análise.

Em consequência dos nossos questionamentos iniciais fomos levantar informações que pudéssemos coligir em uma série temporal, e que dessem condições de confrontarmos o número de fazendeiros e lavradores com o de fazendeiras e lavradoras ao longo do tempo na região de Resende. O que foi feito a partir de informações encontradas no Almanack Laemmert do período que vai de 1846 até 1885, objetivando mostrar como a história da vida destas mulheres está intimamente ligada à circulação da riqueza e ao nascimento de toda a estrutura de crescimento dos núcleos urbanos, rurais e de povoamento da região.

Quadro distribuição do número de fazendeiros(as) e lavradores(as) por gênero Resende século XIX

Anos	Cafeicultores geral	Fazendeiros/Lavradores	Fazendeiras/Lavradoras	%
1846	76	69	7	9,21
1848	244	221	23	9,43
1850	413	380	33	7,99
1854	431	395	36	8,35
1856	432	385	47	10,88
1858	504	457	47	9,33
1860	510	457	53	10,39
1866	552	486	66	11,96
1868	561	486	75	13,37

²² Pereira, Waldick. Cana, café & laranja: historia econômica de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: FGV/SEEC, 1977. Anexo

1870	631	571	60	9,51
1876	147	137	10	6,80
1878	157	150	7	4,46
1880	260	246	14	5,38
1885	308	293	15	4,87

Fonte: Almanack Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro Laemmert 1846-1885.

Com o desenvolvimento da História das Mulheres como campo de estudo; muitos historiadores deram início, na década de 60, a estudos que viriam abrir caminho para o estudo sobre a ausência das mulheres dentro da história tradicional. Ausência esta que, segundo Michelle Perrot, guarda aspectos ainda mais graves, dada a carência de pistas no domínio das fontes que nutrem os historiadores²³. No caso específico da região de Resende há várias ocorrências da presença de mulheres participando ativamente do processo de construção da sociedade do século XIX, tanto do ponto de vista social como econômico. Como exemplo temos D. Mathilde Umbelina de Castro Pompéia²⁴, remanescente das perseguidas famílias ligadas aos Silva Xavier, com terras na freguesia de São Vicente Ferrer, cuja colheita ascendia a mais de 100 mil arrobas de café, proprietária da famosa fazenda “Bambú”, terra tida como pioneira na cultura intensiva desde 1822. Outro exemplo é o de D. Maria Benedita Gonçalves Martins, a “Rainha do Café do Vale do Paraíba”, digna de todas as considerações não só pela alcunha, mas pelos seus feitos em prol da sociedade em que vivia, responsável por ações bem diferentes daquelas preconizadas para as mulheres dentro do contexto social da época. D. Maria Benedita é uma das precursoras em campanha de vacinação em massa, pois havendo o risco de uma série de endemias como a varíola de 1876, ela providenciou o treinamento de vacinadores, bem como na aquisição das vacinas. Colaborou também com doações financeiras e materiais para a construção e manutenção da Santa Casa de Misericórdia de Resende, fundada em 1835. No campo da educação organizava campanhas, festas, quermesses, bingos, cujos recursos arrecadados eram destinados por ela à causa de educação no município. Aos jovens estudantes

²³ Perrot, Michelle. Práticas da memória feminina. Revista Brasileira de História (São Paulo), n. 18, 1989, p. 9-18.

²⁴ Nasceu no Arraial de Santa Luzia, Minas Gerais, a 30 de agosto de 1793. Chegou a Resende, vinda de São Paulo, em 1803. E faleceu aos 15 de novembro de 1874. Filha legítima de Bento de Castro e, por este, sobrinha neta do Coronel Ignácio José de Alvarenga Peixoto. Dois pontos vemos de importância para Vila de Resende, é que Umbelina é uma representante legítima do grupo de mineiros que vêm povoar as terras do sopé da Mantiqueira vislumbro futuro melhor, o outro ponto é que foi um refúgio daqueles que eram alinhados com as idéias dos inconfindentes como seu tio-avô.

deu especial atenção, principalmente aqueles com dificuldades financeiras. Como a maioria era aspirante a formações de médico e advogado, curso que só existiam na Corte ou em São Paulo ela procurava ajudá-los, bem como aqueles que gostariam de seguir a carreira sacerdotal encaminhando-os com ajuda à Ouro Preto, Diamantina, Mariana e a outros seminários em Minas Gerais.

Queremos neste momento chamar a atenção para o quadro abaixo, que procura apresentar ao longo do tempo o número de fazendeiras e lavradoras dentro das freguesias de Resende. O que queremos demonstrar não é o caráter quantitativo do quadro apresentado, mas o que ele pode representar se olharmos de maneira qualitativa. Para então dar início a um estudo sobre o que cada mulher representou na história da região de Resende no período, quais são as influências e o legado dessas pioneiras num ambiente totalmente voltado para mundo masculino.

**Quadro distribuição do número de fazendeiras e lavradoras por freguesia – Resende
século XIX**

Freguesias Resende/anos	1846	1848	1850	1854	1856	1858	1860	1866	1868	1870	1876	1878	1880	1885
Villa N.S. Conceição	3	12	16	26	28	27	26	36	43	34	2	3	2	4
Campo Bello	3	5	6	3	5	6	8	9	9	8	7	0	5	2
Sant'Anna do Tocos	1	4	6	1	7	7	7	8	7	10	1	1	3	4
São Vicente Ferrer	0	2	5	6	7	6	10	8	9	2	0	2	1	2
Sto. Antonio Vargem Grande	0	0	0	0	0	1	2	5	7	6	0	1	3	3
Totais	7	23	33	36	47	47	53	66	75	60	10	7	14	15

Fonte : coligida do Almanack Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro Laemmert 1846-1885.

Assim ao terminarmos o nosso estudo exploratório, gostaríamos de dizer que não somos pesquisador especialista nas questões históricas ligadas a História e Gênero. Entretanto por entender a importância cada vez maior do tema e o apressado aos colegas pesquisadores que se dedicam a fundo as relações sociais inerentes à História das Mulheres. E que reconhecemos a importância dos levantamentos de fontes que irão fomentar mais e mais pesquisas do tema História das Mulheres. Onde através do presente trabalho tentamos levantar algumas pistas para outros possíveis caminhos dentro do tema a História das Mulheres no século XIX na região do Vale do Paraíba.

FONTES PRIMÁRIAS PUBLICADAS

Almanak Laemmert 1846/1885 - Universida de Chicago . Disponível -site :www.crl.uchicagoo.edu

Almanaque Laemmert. 1850. Município de Resende.
Almanaque Laemmert. 1868. Município de Resende.

Relatório Presidente de Província - Universidade de Chicago. Disponível site :www.crl.uchicagoo.edu

Relatório de Província -1881 - Província do Rio de Janeiro -*Secretaria do Governo em Nictheroy*, 12 de Julho de 1881.

Jornais e Periódicos da Região

- A. Astro Resendense. 1865-1873.
- B. O Itatiaia. 1876-1890.
- C. "Almanack do Centenário de Rezende para Anno de 1902" - Ed. Typographia e Papelaria "Fonseca" - Resende-1902.
- D. O Vassourense - 1882

HISTORIADORES LOCAIS e VIAJANTES

Bopp, Itamar. Casamentos na Matriz de Resende. Instituto Genealógico Brasileiro, 1971.

_____. Notas Genealógicas. São Paulo, Gráfica Sangirardi [S. D.]. 1987

Burlamaque, L. C Monografia do cafezeiro: estatística do café. Rio de Janeiro, 1860.

Jardim, Renato, "Reminiscências de Resende, Estado do Rio, às plagas paulistas : São Simão, Batatais, Altinópolis, e Ribeirão Preto", Ed. José Olympio /São Paulo-1946.

Maia, João de Azevedo Carneiro. do Descobrimento do Campo Alegre À Criação da Vila de Resende. [S.Ed] , 1886.

_____. Notícias Históricas e Estatísticas do Município de Resende desde A sua Fundação . Rio de Janeiro, 1891 [Monografia] .

_____. Modos de Produção E Realidade Brasileira. "A Mentalidade dos Fazendeiros No Congresso Agrícola de 1878." Petrópolis, Vozes, 1980.

Pizarro, José de Sousa Azevedo. Memórias Históricas da Província do Rio de Janeiro. Rio , 1820.

Rosa ,Claudionor, in Mulheres Fluminenses do Vale do Paraíba, Histórias de luta e conquista da cidadania feminina. CEDIM –Gov.Est.do Rio de Janeiro, Março -2001 .

Saint- Hilaire, Auguste de. Viagem À Província de São Paulo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.

_____. Viagem Pelas Províncias do Rio De Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1978. (Início Do Século XIX).

_____. 1822. Segunda Viagem do Rio de Janeiro A Minas Gerais e a São Paulo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp

Silva, Eduardo. Barões e Escravidão. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

Sodré, Alfredo. Resende, Os Cem Anos da Cidade. [S.Ed]

Stein, Stanley J. Vassouras: Um município brasileiro do café – 1850-1900. Rio de Janeiro : Nova Fronteira ,1990.

_____. Grandeza e Decadência do Café No Vale do Paraíba. São Paulo, Brasiliense, 1961.

Whately, Maria Celina, O Café em Resende no Século XIX, Ed. José Olympio, Rj, 1987.

_____, Resende, A Cultura Pioneira do Café no Vale do Paraíba, Niterói-RJ :Ed Gráfica La Salle , 2003.

_____, & Maria Cristina F.M. Godoy –ARDHIS –Academia Resendense de História. Resende, Crônicas dos Duzentos Anos, Resende-RJ :Ed Gráfica La Salle , 2001.

Bibliografia Geral

Brum, Argemiro J. O desenvolvimento econômico brasileiro. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1996

Franco, Maria Sílvia de Carvalho. Homens Livres na Ordem Escravocrata. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1979.

Furtado, Celso. Formação Econômica do Brasil. Ed. Nacional. 23 Ed. São Paulo, 1989.

Junior, Caio Prado, História Econômica do Brasil, Ed. Brasiliense, Sp, 1990.

_____, Caio Prado, "Formação do Brasil Contemporâneo" -(Colônia);, 1ª ed. Brasiliense/SP. 2ª edição/ Coleção: "Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro"/ Publifolha-2000. Item: "Correntes de Povoamento" pag.76 (20).

Lamego , Alberto Ribeiro. O Homem e a Serra. Rio De Janeiro, Ibge ,1963.

Lenharo, Alcir. As tropas da moderação : o abastecimento da corte na formação política do Brasil 1808-1842. Rio de Janeiro : Secretaria Municipal de cultura, turismo e esportes, 1993.

Linhares, Maria Yeda (Org.). História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1996

_____. História da Agricultura Brasileira – Combates E Controvérsias. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Linhares, Maria Yedda Leite . História do Abastecimento - uma problemática em questão, 1530-1918. Brasília: Biblioteca Nacional de Agricultura, 1979. v. 1. 249 p.

Linhares, Maria Yedda Leite . História Quantitativa e sua Aplicação à História da Agricultura Brasileira. Cadernos Eiap, Rio de Janeiro, p. 15-36, 1979

Magalhães Filho, Francisco de B. B. de. História econômica. São Paulo: Saraiva, 1982

Moreira, Nicolau Joaquim. Breves Considerações Sobre A História e Cultura do Cafeeiro e Consumo de seu Produto .Rio de Janeiro, Imperial Instituto Artístico, 1873.

Motta, Jose Flavio , Corpos escravos , vontades livres : estruturas de posse de cativos e família escrava em um núcleo cafeeiro (Bananal 1801-1829).Tese (Doutorado em Economia) – FEA/USP 1990.

Mota, Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira. 1933-1974. 8ª Ed. Ática, São Paulo, 1994.

Mota Sobrinho, Alves. A Civilização do Café. 3. Ed. São Paulo, Brasiliense, 1978.

Muniz ,Célia Maria Loureiro . Os Donos da Terra: Um estudo sobre a estrutura fundiária do Vale do Paraíba Fluminense, no século XIX .ICHF/UFF,Niterói ,1979(Dissertação de Mestrado)

Muniz ,Célia Maria Loureiro . A riqueza fugaz:trajetórias e estratégias de famílias de proprietários de terra de Vassouras,1820-1890 .Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS.2005 Tese (Doutorado).

Novais, Fernando A . (Coord.). História da Vida Privada No Brasil. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Oliveira, Vianna. Distribuição Geográfica do cafeeiro no estado do Rio, in “o café no 2ºcentenário de sua introdução no Brasil – Ed.do Departamento Nacional do Café- RJ,1934 vol.I p.80.

Papali, Maria Aparecida Chaves Ribeiro, Vestígios de um cotidiano : Trabalhadores escravos ,negociante e coronéis em São Jose dos Campos (1870-1888) Dissertação de Mestrado em Historia – PUC- SP ,1996

Pereira ,Waldick, Cana , café & laranja : historia econômica de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro :FGV/SEEC ,1977.

Perrot, Michelle. Práticas da memória feminina. Revista Brasileira de Histórica (São Paulo), n. 18, 1989.

Queirós, Maria Isaura Pereira de. "A Estratificação E A Mobilidade Social nas Comunidades Agrárias do Vale do Paraíba Entre 1850 E 1888", In Revista de História. São Paulo, Abril/Junho, 1950.

Smith, Herbert H. Uma Fazenda de Café no Tempo do Império, Rio de Janeiro, Departamento Nacional Do Café, 1941.

Silva, Sérgio. Expansão Cafeeira e Origens Da Indústria no Brasil, São Paulo, Alfa-Ômega, 1976. Cap. I E II

Sobrinho, Alves Motta. A Civilização do Café. 3ª Ed., São Paulo, Brasiliense, 1978.

Taunay, Affonso E. História Do Café no Brasil. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1939, V. 3 Tomo. II; V. 1822-1872

_____. Pequena História do Café No Brasil. Rio de Janeiro, Dnc, 1945.

Tschudi, J. J. Von. Viagem À Província do Rio de Janeiro e São Paulo. Biblioteca Histórica Brasileira, São Paulo, Martins, 1953.

Vasconcelos, Clodomiro de. "As Estradas Antigas de Transporte de Café no Estado Do Rio", In O Café no Segundo Centenário de sua Introdução no Brasil. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1944, V. 2.

Viana, Oliveira. "Hegemonia do Vale do Paraíba", In O Café no Segundo Centenário de Sua Introdução No Brasil. Rio De Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1934, V. 2.

Viotti da Costa, Emilia. da Senzala a Colônia. Difusão Européia do Livro, 1966.

Werneck, Francisco Peixoto de Lacerda. Memória Sobre A Fundação e Custeio de Uma Fazenda na Província do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1878.

Werneck, Furquim. Breves Considerações Sobre O Café. Rio De Janeiro, Tip. Cosmopolita, 1883.

Zemella, Mafalda P. *O Abastecimento da Capitania das Minas Gerais no Século XVIII*. São Paulo, 2ª Ed., HUCITEC, 1990.

Zaluar, Emilio. *Peregrinação pela Província de São Paulo, 1860-61*. São Paulo, 1953.